

O Movimento de Massas na Cultura do Cancelamento

“Na vida psíquica do sujeito, o outro entra em consideração de maneira bem regular como modelo, objeto, ajudante e adversário, e por isso, desde o princípio, a psicologia individual também é ao mesmo tempo psicologia social” (FREUD, 1921).

Amanda Carolina Guedes Silva¹
Andressa Karoline Da Silva Barros²
Idelvane Silva Dos Santos Ribeiro³
Jéssica Samantha Lira Da Costa⁴
Mateus Santos Pinheiro⁵
José Rodrigo Da Costa Bezerra⁶

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo principal discutir questões concernentes à relação das massas, enquanto conceito filosófico, sociológico, psicanalítico e aquilo que hoje conhecemos como cultura do cancelamento. Quem são estes algozes, sobretudo por trás das telas de celulares e computadores, que tem por objetivo dissecar a vida e levar alguém ao ostracismo? O que querem? São ataques coordenados? Há um objetivo nobre por trás destes ataques? Fomos ao âmago da discussão mostrando de que maneira as massas se constituem e se aloca em um aglomerado de sujeitos sem a mínima capacidade argumentativa e que só seguem um discurso enquadrado que os líderes daquela massa mandam seguir. Como encaminhamento para possíveis articulações argumentativas a respeito do fenômeno, entendemos que a massa é criada com o intuito de controle social e de poder de narrativa, e que muitos que aderem a este jogo cultural só o faz por medo de ser rechaçado pela maioria que ali se forma.

Palavras-chave: Cultura do cancelamento; psicologia das massas; psicanálise.

I. Considerações Iniciais

É interessante imaginar um cenário em que haja normas sociais muito bem delimitadas e que em consequência destas normas extremamente rígidas, os cidadãos desta sociedade servem como guardiões da moral e dos bons costumes para que qualquer atitude ou discurso que ouse questionar a sobriedade daquela comunidade, seja punido com a mais severa letra da lei.

Na Grécia Antiga, mais precisamente em Atenas, havia um tipo de punição para o cidadão que fizesse algo contra a liberdade pública em que este cidadão deveria ser completamente expulso, banido daquela comunidade. O que nos chama a atenção é que quem realizava a sentença eram os próprios cidadãos daquela região, porque tal o caso ia sempre a voto popular. Então cada sujeito era capaz de decidir o destino daqueles

¹Graduanda em Psicologia, na Faculdade Estácio – Belém. Especialista em Gestão de Pessoas (FAP). Licenciada em Letras com habilitação em língua portuguesa e espanhola (ESMAC). Membro do Grupo de Extensão “A violência na cultura do cancelamento”.E-mail: amanda_cgs@yahoo.com.br

²Graduanda do 6º semestre curso de Psicologia (Estácio – Belém). Monitora da disciplina: Introdução às teorias psicanalíticas. Membro do Grupo de Extensão “A violência na cultura do cancelamento”.E-mail: barrosandressa1215@gmail.com

³Graduanda do 5º semestre curso de Psicologia (Estácio – Belém). Membro do Grupo de Extensão “A violência na cultura do cancelamento”.E-mail: idelvane.ribeiro@gmail.com

⁴ Psicanalista. Professora Universitária e coordenadora adjunta do curso de Psicologia da Faculdade Estácio – Belém. Mestra e Doutoranda em Psicanálise – teoria e clínica (UFPA/Université Paris VII). Coordenadora e orientadora do projeto de extensão aqui circunscrito “A violência na cultura do cancelamento”. E-mail: jessica.s.lira@hotmail.com

⁵Graduando do 6º semestre curso de Psicologia (Estácio – Belém). Membro do Grupo de Extensão “A violência na cultura do cancelamento”.E-mail: mateussantos12092000@gmail.com

⁶Graduanda do 5º semestre curso de Psicologia (Estácio – Belém). Membro do Grupo de Extensão “A violência na cultura do cancelamento”.E-mail: joserodrigodacosta900@gmail.com

que ali estavam para serem julgados. Tal ato ficou conhecido como *ostracismo*. Àqueles que fossem condenados ao ostracismo deveriam deixar a cidade em até 10 dias e só poderiam retornar após 10 anos.

Ostracismo, do grego antigo *ὄστρακισμός*. Provém do grego *ostrakismós* e, por sua vez de *óstrakon*, que faz referência a um modelo de argila que tem a aparência de uma concha. Este termo era usado entre os atenienses para referir às pessoas que sofriam de exílio por razões políticas (inicialmente o nome dos exilados era anotado em uma peça de cerâmica) (VESCHI, 2020, s/p).

Por que retomar o ostracismo? Por três motivos, para sermos mais precisos: 1- porque mostra a participação ativa da população na decisão de quem deve ou não ser punido, pelos motivos que esta ou aquela comunidade decidirão que são relevantes; 2- porque trata-se de uma alusão direta ao chamado “cancelamento” do qual hoje vivenciamos e falamos; 3- porque quando conhecesse as consequências das penas aplicadas, nota-se algo, no mínimo, curioso: o sujeito que até então fora banido, tem a chance de retornar à sua cidade de origem, ou seja, de reaver o seu lugar novamente. O que basicamente acontece com a maioria dos “cancelados” do nosso mundo atual, principalmente da esfera digital. É só ter paciência e aguardar a *poeira baixar* que você poderá ter a sua vida de volta.

Isto ocorre porque uma das características disto que hoje denominamos e conhecemos como cancelamento é a velocidade com que as coisas acontecem e, por óbvio, a velocidade com que as coisas deixam de ser relevantes. Como há muita vida para estes internautas, cidadãos ou *desocupados* tomarem conta, eles não podem se demorar com o cancelado da vez, porque precisam de sangue novo, e precisam cancelar uma *carne nova*.

Freud, no clássico, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, de 1921, mostra que é imperativo que não nos esqueçamos que a formação das massas passa por critérios psíquicos bem próximos daqueles que nos fundam enquanto sujeitos que somos. Então o apaixonamento, a identificação, as pulsões, o narcisismo e tantos outros aspectos que são encontrados nas existências de cada sujeito, não se furtam de aparecer no aglomerado de indivíduos. Daí a escolha do parágrafo inicial do texto para entrar aqui como citação princeps, para que não nos esqueçamos que “a psicologia individual também é ao mesmo tempo psicologia social”.

Dito isto, abordaremos agora alguns pontos de crucial importância para que compreendamos como este fenômeno do cancelamento se apresenta na massa e vice-versa. Tentaremos encontrar respostas que possam explicar como um aglomerado de sujeitos podem unir-se para tentar destruir a vida de pessoas que nem conhecem e por assuntos que nem ao menos dominam. Que gana é esta, tão prazerosa, que faz com que estes sujeitos fiquem felizes de tirar empregos de sujeitos que não afetam em nada a sua vida ou de proibir que o contraditório possa ser acessado ou escutado por aí.

II. “Todo Mundo Pensa Isto De Você!”

Sou professora universitária e atualmente exerço a função de coordenadora adjunta do curso que ministro aulas, se tem uma frase que eu estou acostumada a escutar de alunos, quando estes não têm argumentos plausíveis para justificar seu baixo desempenho acadêmico ou até mesmo a sua mediocridade intelectual é: “Ah! Mas não sou só eu que penso isto deste professor, viu?! Todo mundo pensa a mesma coisa, mas só eu tive coragem para vir aqui falar.” Será mesmo? Será que se trata de uma suposta coragem que os demais colegas, supostamente covardes, não possuem? Será que eu sempre estou à frente do sujeito mais corajoso daquela região?

Ou será que este sujeito é tão descrente daquelas falas enviesadas e absurdas que só servem para justificar a sua falta de responsabilidade, que justamente por saber que não há nada na realidade dos fatos que corrobore o que sai daquela boca *amaldiçoada* que ele precisa utilizar a figura abstrata do “todo o mundo” para que ele não se sinta tão sozinho na sua própria incapacidade. Porque ele sabe, em última instância, que sua história é tão descabida que ele não conseguirá leva-la à diante sem o apoio da massa, por isso é tão importante criar esta multidão imaginária para suportar a sua fraqueza psíquica. Por isso que sempre que estou diante de um desses *tipinhos* aí, a primeira pergunta que faço é: “todo mundo quem, cara pálida?” E toda farsa se desfaz em dois tempos.

Mas por que isto é relevante aqui? Porque isto nos mostra um fator de suma importância da psicologia das massas: que o sujeito precisa da crença narcísica de que está protegido pelo rebanho para que coragem e força brotem em suas ações. É bem simples de perceber algo: quantas e quantas pessoas não agem de determinada maneira só porque encontram-se em grupos e quando estão sozinhas não sabem nem ao menos explicar porque agiram daquela forma.

Ou mais, quantas pessoas não se sentem impelidas em agir de determinada forma, que por vezes pode fugir completamente de suas atitudes e de seus valores mais íntimos, só porque a maioria do grupo que está inserida age daquela maneira? Poderíamos passar horas exemplificando tais atitudes, mas por certo nosso leitor já deve estar lembrando aí de alguns exemplos tanto em sua própria experiência, quanto retratados em filmes,

livros, séries, documentários, peças e etc. Le Bon, um dos pioneiros nos estudos sobre a psicologia das multidões, em seu clássico “Psicologia das Multidões, nos diz:

(...) O que há de mais singular numa massa psicológica é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, por mais semelhantes ou dessemelhantes que sejam seus modos de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, a mera circunstância de sua transformação numa massa lhes confere uma alma coletiva, graças à qual sentem, pensam e agem de modo inteiramente diferente do que cada um deles sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Há ideias e sentimentos que só surgem ou se transformam em ações nos indivíduos ligados numa massa. A massa psicológica é um ser provisório constituído por elementos heterogêneos que por um momento se ligaram entre si, exatamente como por meio de sua união as células do organismo formam um novo ser com qualidades inteiramente diferentes daquelas das células individuais (p.33).

Sabe-se que Freud (1921) considerou o trabalho de Le Bon (psicologia das multidões) um grande trabalho, mas que não se furtou de inserir um ou outro comentário ao texto leboniano. Freud deixa bem claro os momentos em que Le Bon não apresentou dados mais sólidos teoricamente para justificar algumas de suas hipóteses. Um dos pontos destacados por Freud foi o fato de que a noção de recalque e até mesmo de inconsciente (psicanaliticamente falando) faltou às conjecturas de Le Bon, ocasionando sérios prejuízos ao seu texto e às suas teses sobre as massas.

Na passagem a seguir Freud, resumidamente, descreve os principais pontos que servem para nossa atual descrição. Diz o autor:

A massa é impulsiva, instável e irritável. Ela é guiada quase que exclusivamente pelo inconsciente. Os impulsos aos quais a massa obedece podem, segundo as circunstâncias, ser nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas em todo caso são tão imperiosos que o interesse pessoal não se fará valer, nem sequer o interesse da autoconservação. Nada nela é premeditado. **Por mais que ela queira as coisas apaixonadamente, nunca as quer por muito tempo; ela é incapaz de uma vontade durável (grifo nosso).** Não tolera nenhuma demora entre seu desejo e a realização do desejado. Ela tem um sentimento de onipotência; para o indivíduo na massa, a noção de impossibilidade desaparece (FREUD, 1921, p. 49).

Vamos com calma porque este breve parágrafo traz informações tão ricas que poderíamos escrever um artigo inteiro baseado só neste parágrafo. Pois bem, acima Freud fez uma bela descrição do que a massa remete à sua teoria, a saber, a psicanálise. Ele faz, inclusive, uma analogia interessante entre o bebê, que em sua mais tenra idade funciona como um ditadorzinho que tudo quer, tudo pode e que não aceita limites. Tal como quando um sujeito inserido em uma massa acredita em sua própria onipotência.

Veja o caso dos *blackblocs*: jovens que se unem de maneira anárquica e que o único fundamento de sua união é a destruição completa e irracional. Não há um ideal louvável por trás, são moleques, *fedelhos*, que ainda nem bem saíram das fraldas, que não arrumam o próprio quarto (como bem nos diria Jordan Peterson), mas que acham que podem mudar o mundo quebrando estátuas, agências bancárias, sujando as ruas (para trabalhadores limparem depois), sem um único motivo plausível.

Quando você tem a chance de encarar cara a cara um desses *moleques*, você perceberá que toda aquela *pompa* é só uma máscara (literalmente) que se usa. Porque a verdade que surge quando isolados estão é a única possível: um bando de filhinho de papai, de uma certa elite, que nunca soube o que é esforço ou trabalho na vida e que como todo *mimadinho* (aqui fazemos menção ao grande Dalrymple) acha que batendo o pé chamará a atenção do papai e da mamãe.

Outro ponto que Freud levante naquele trecho é o fato de que a massa é biliosa. Como assim? Que ela não é racional, que ela é impulsiva. E que os impulsos que são atendidos não são necessariamente nobres ou heroicos. Muito pelo contrário, podem ser extremamente cruéis e covardes, como, por exemplo, fazer com que alguém que pensa diferente de você seja demitido, humilhado e levado à ruína como já acontece nos tempos atuais.

O caso do jogador de vôlei Maurício, que ganhou grande repercussão no Brasil, é uma bela ilustração. O jogador, em sua rede social, fez uma pergunta, ainda que tendenciosa, sobre um desenho de *HQ*, em que o filho do Superman é um personagem bissexual na história. O jogador disse: “Ah, é só um desenho, não é nada demais. Vai nessa que vai ver onde vamos parar”. Por mais que de maneira mais pessoalista possamos dizer

que a sentença questionadora é de extremo mal gosto, desnecessária, super valorizada. Não podemos ser levianos e deixar de perguntar: Qual crime o jogador de vôlei cometeu ao fazê-la?

Sabemos que o crime de homofobia já se encontra tipificado no código penal brasileiro e que Maurício foi acusado de ser homofóbico pelo comentário. Mas deixando as paixões de lado e olhando de maneira racional, como alguém consegue acusar a sentença acima de homofóbica, a menos que seja um leviano desonesto e tendencioso que prejulga sentenças não pelo que elas de fato remetem, mas sim por quem as proferi.

Se você fizer uma busca rápida no google, você não verá uma, eu disse apenas uma nota de repúdio de qualquer movimento LGBTQIA+ sobre as falas do ex-presidente e ex-condenado da justiça Lula a respeito das “mulheres de grelo duro” do seu partido ou sobre o infeliz comentário de que a cidade de Pelotas é exportadora de “viados”. E por que não há caça às bruxas (ou bruxos) nesse caso? Por que justificam as falas de um e condenam a de outro? Dois pesos e uma só medida? Sim! Essa é a marca de movimentos coletivistas. Nunca é pela causa, é por interesse próprio, é pelo que convém. Como bem diria o apresentador Danilo Gentili: “Não é o que se fala, é quem fala que importa!”.

E o terceiro ponto abordado por Freud e que de fato tem uma relação direta com o movimento das massas na cultura do cancelamento é a fluidez com a qual elas se apresentam e organizam. Um sujeito que tenha sido cancelado, ele não dura mais do que algumas poucas semanas como foco do ódio dessa *galerinha do bem*. Ele logo é esquecido, ninguém mais lembra dele ou se importa com ele. Porque uma das características fundamentais é a inconstância dos algozes canceladores, ou como o Jordan Peterson brilhantemente descreveu: da “*turba sedenta de sangue*”⁷.

Talvez este seja um dos motivos que faça com que ela se propague com tanta facilidade pela esfera social, porque como é extremamente volátil, pode atingir muito mais alvos. Não se concentra apenas em um único objeto. Todavia, há um ponto importante e que não podemos deixar de considerar quanto à escolha de quem ou do que cancelar. A briga é de cunho política-ideológica. Há um método por trás e vamos expô-lo a seguir.

III. “EU TE CANCELO PARA O TEU PRÓPRIO BEM!”

Você, que é um leitor mais atento, já deve ter percebido que normalmente os “cancelados” seguem à uma mesma estrutura constitutiva: normalmente são sujeitos de um espectro político mais à direita, mais conservadores, que vão na contramão de um discurso mais *politicamente correto*, certo? Porque como bem demonstramos acima, não se trata muito do conteúdo que você profere, mas sim se você paga o seu pedágio ideológico para a esquerda. Se você é um contribuinte assíduo deste pedágio, aí você fique super tranquilo que absolutamente tudo o que você falar ou fizer estará justificado e assinado embaixo. Até mesmo cuspir na cara de uma mulher, mesmo que você seja um homem⁸.

Mas que tipo de pensamento é este, totalmente fora da lógica e da racionalidade, que faz com que a hipocrisia reine no paraíso dos canceladores de carteirinha? A resposta mais sóbria e direta que podemos fornecer e encontrar para a presente questão está no seio da discussão daquilo que ganhou o nome de *politicamente correto*, que em poucas palavras diz respeito a um movimento que determina expressões, ações, supostas ofensas que têm por objetivo principal humilhar, violentar, machucar grupo de pessoas que são tidas como *minorias*: mulheres, homossexuais, negros, etc. etc. Roger Scruton nos mostra queo conceito de politicamente correto se tornou um tópico de intensa controvérsia nos EUA.

O público mais voltado à direita ataca o politicamente correto dizendo que ele é um acinte à liberdade de expressão e dizem se tratar de uma caça às bruxas; e o público mais voltado à esquerda endossa o politicamente correto, pois vê nele uma espécie de proteção aos *pobres e oprimidos*. Mas para contextualizar um pouco, deixamos aqui Júnior (2017, p.55) nos descrever o que está por trás do nascimento do *politicamente correto*:

“Politicamente correto” no português brasileiro pertence à categoria das expressões importadas dos Estados Unidos, assim como “ação afirmativa”, “igualdade de

⁷ “Nunca peça desculpas a uma turba sedenta de sangue. Você não está lidando com pessoas com quem pode restabelecer um relacionamento. Você está lidando com uma ideia sem alma que possui pessoas.” (JORDAN PETERSON)

⁸ Referência direta ao caso do ator global José de Abreu, em que o referido ator estava em um restaurante e uma discussão começou com um casal que estava jantando no mesmo lugar e o ator resolveu, para atingir o casal, cuspir na cara da moça que estava discutindo com ele. Adivinhem? Não houve uma nota de repúdio por tal ato nojento e grotesco, pela parte de qualquer movimento feminista. Nessa hora a sororidade passa bem longe.

oportunidades” e tantas outras, e que foram produzidas na segunda metade do século XX. São produto da expansão do Estado de bem-estar social naquele país após a Segunda Guerra Mundial e de vigorosos movimentos sociais que vieram no esteio dessas transformações, particularmente o dos direitos civis e a resistência à Guerra do Vietnã, ambos com seu auge na década de 1960. Como tal, é inequívoco seu pertencimento ao campo político progressista norte-americano, cujos adeptos são frequentemente chamados de *liberals*. A reação conservadora ao politicamente correto nos Estados Unidos começou na era Reagan, que marca de várias maneiras o fim do grande ciclo progressista iniciado com o término da guerra e que teve como um dos seus principais manifestos intelectuais o livro *The Closing of the American Mind*, de Allan Bloom (1987), intelectual conservador discípulo de Leo Strauss. Helenista e literato, Bloom é um autor de grande sofisticação retórica. O livro como um todo é uma crítica ao relativismo moral, que, segundo ele, está destruindo a liberdade de pensamento dentro dos campi universitários norte-americanos. Sua tese sobre a importação e a banalização do pensamento de pensadores alemães como Nietzsche e Weber pela cultura de massas dos EUA é bastante inteligente e sofisticada. (...) Podemos concluir após essa breve incursão histórica que, pelo menos no seu país de origem, o termo “politicamente correto” se associa claramente com a banda esquerda do espectro político.

Dito de outra forma o *politicamente correto* é usado como arma político-ideológica para silenciar todo e qualquer cidadão que o grupo constituído pelos autointitulados bastiões da moral (normalmente progressistas, esquerdistas, líderes de movimentos coletivistas) miram. É o cerceamento máximo daquilo que mais precioso temos: a liberdade de expressão. E, para além disso, o politicamente correto inibe o debate, amedronta a criatividade e exclui o contraditório. E já sabemos que ele é utilizado como ferramenta de controle. Ademais, ele é mais nocivo do que inclusivo. Aliás, de inclusivo nem o nome!

Com o discurso de te ensinar a ser um ser humano melhor, mais evoluído, que precisa aprender como se expressar para que não ofenda absolutamente ninguém (mais utópico impossível, aliás), o *politicamente correto* vai calando a todos que fujam da agenda esquerdista até o ponto em que apenas vozes uníssonas possam ser escutadas.

Mas o que mais nos interessa aqui neste momento é a subversão da ordem e dos valores que o discurso do *politicamente correto* tenta inculcar em nossas mentes, de que ele age dessa maneira para o próprio bem de toda a noção, pelo bem comum da sociedade. Velado com uma aura empática (que não se sustenta na prática), ele veste muito bem a fantasia de desprovido de preconceitos, de altamente condescendente e que reserva para si toda a compaixão do mundo. Quando na verdade, nada disso consegue se sustentar na prática diária, simplesmente porque é *fake*. Peterson define precisamente do que se trata:

(...) há algo que realmente me incomoda no politicamente correto. É como se ele dissesse sempre: “bem, nós estamos fechados com a empatia”. Em primeiro lugar, empatia não é o bastante. Não está nem perto de ser o bastante, e um excesso de empatia pode gerar coisas terríveis. E, em segundo lugar, você não está fechado com a empatia, e aliar isso a uma filosofia que basicamente reduz as pessoas à sua identidade por meio da associação delas a um grupo, e então ler não só a situação atual como a própria história como um campo de batalha entre grupos competindo entre si, penso que isso seja perigoso (PETERSON, 2020, p. 33).

Outrossim, não iremos continuar agora por este caminho da discussão sobre o *politicamente correto*, simplesmente porque iremos direcionar, em outro artigo e em outro momento, toda uma construção teórica só sobre esta problemática. De modo que não seria nada esperto e inteligente de nossa parte que esgotássemos agora esta temática. Entretanto, o que queríamos deixar claro, por hora, é justamente a relação destes movimentos coletivistas e o discurso do *politicamente correto*, como mais uma das armas ideológicas que são utilizadas para cancelar, calar, excluir o outro que ousa pensar e expressar opiniões divergentes.

IV. “A Loucura Das Massas”.

Douglas Murray, não há muito tempo, lançou um livro cujo título integral é *A Loucura das Massas: gênero, raça e identidade*. O livro fala a respeito das questões ditas polêmicas que atualmente atravessamos, sobretudo no debate pública, cujas temáticas principais são sexualidade, gênero, raça, tecnologia. Muito embora não seja nosso objetivo analisar o livro do Murray, nos pareceu de bom tom pegar emprestado o termo

que ele utilizou para intitular o seu livro para que a gente possa se referir ao movimento contínuo que ocorre nas massas em época de *cancelamento*.

Seguindo nesta mesma direção, temos Jerusalinsky (2018) realizando um paralelo sobre a intolerância ou pensamento contrário do outro com a política do “no touch”:

(...) quando a loucura histórica da certeza coletiva é a de que o outro é podre e deve ser excluído, cada um fica desconfiado e, portanto, profundamente só. Quando o espírito social é de que a alma do semelhante, e só a dele, é suja deixa de ser possível cuidar de forma coletiva, até mesmo das crianças... (p.31, 2018).

Jerusalinsky (2018) esclarece o que seria a política do “no touch”, afirmando que sua face é mais facilmente visualizada nos Estados Unidos da América (EUA). No país mais poderoso do mundo os bebês são furtados de sua higiene básica quando os cuidadores aderiram ao hábito de manter a sujeira nas partes íntimas das crianças, fazendo somente a retirada das fraldas sujas sem, no mínimo, higienizar os corpos dos bebês para, então, evitar entrar em contato com o que é “sujo” e “intocável”.

A autora entende que “a política é a do ‘no touch’, porque qualquer gesto de aproximação ao corpo do outro é passível de ser considerado um excesso...” (p.31, 2018). Portanto, compreende-se que socialmente há uma tendência denunciada no trato com as crianças através de um ato corriqueiro, mas extremamente interessante, como a higiene, tendo em vista que existe uma interpretação simbólica no fato de entregar o corpo do outro à podridão.

Isto posto, emerge-se numa tensão generalizada sobre a alteridade, sobre o lugar sombrio, desconhecido, estranho e infamiliar do outro. Similarmente, o “touch screen” (em tradução significa “tela sensível ao toque”) não diz respeito somente a característica dos celulares que utilizamos hoje para navegar nas redes sociais. Ou seja, pode ser uma analogia interessante com a sensibilidade dos usuários das redes com a presença do outro, da mesma forma também pode ser comparado ao que Jerusalinsky propôs sobre a política do “no touch”. Em suma, a cultura do cancelamento oferece essas e outras variações quanto à sua análise, indicando a profundidade de suas raízes e sinalizando que talvez seja mais uma manifestação moderna de uma constituição intrinsecamente atrelado ao humano.

Nesse sentido, retornamos ao entendimento da constituição das massas, não podemos nos esquecer que o fato destes sujeitos estarem inseridos em um mesmo grupo e que aparentemente, ainda que não seja nada racional, eles se dirigem a uma mesma direção, comprem um mesmo discursinho barato e vazio (da paz universal, do bem comum e blábláblá), eles funcionam dessa forma, porque, segundo Le Bon, as características individuais são secundárias quando o sujeito está inserido em uma massa⁹. Ainda em Le Bon (p. 17), temos mais uma passagem exemplar sobre o funcionamento das massas: “(...) além disso, pelo mero fato de pertencer a uma massa organizada, o ser humano desce vários degraus na escala da civilização. Em seu isolamento, era talvez um indivíduo culto; na massa, é um bárbaro, isto é, um ser instintivo.”

Freud (1921, p.55), indo nesta direção, nos diz também que a massa “é um rebanho obediente, que nunca pode viver sem senhor. Ela tem tal sede de obedecer que se subordina instintivamente a qualquer um que se nomeie seu senhor.” Por que este trecho da obra freudiana nos é relevante? Porque corrobora aquilo que mostramos logo acima sobre dois pesos e apenas uma medida. Sobre não se tratar do que se fala e sim quem fala. Porque a massa é completamente cega para com seus líderes e reis. Ela é um gado adestrado que não questiona, só abaixa a crista.

Mas isto não é sem um motivo bem interessante, diga-se de passagem. É Tzvetan Todorov quem nos faz lembrar de um dado de suma importância para o entendimento desta problemática. O autor diz que “a atração pelo sistema totalitário, experimentada inconscientemente por numerosos indivíduos, provém de um certo medo da liberdade e da responsabilidade – isso explica a popularidade de todos os regimes autoritários (comunistas, socialistas, nazistas, *grifo nosso*) (é a tese de Erich Fromm em *O medo da liberdade*); existe uma “servidão voluntária”, já dizia La Boétie (p.40).”

“Por que assumir as responsabilidades de um pensamento próprio se eu posso simplesmente ficar no conforto do casulo do pensamento massificado?” Porque desta maneira você nunca terá condições de entender quem se é, o que você deseja e pensa. Você será eternamente enclausurado ao desejo do outro, aos desmandos do grande líder que controla toda esta engrenagem. Você é como uma peça vazia de um jogo de tabuleiros, que só tem utilidade enquanto está servindo como bloqueio, mas que a qualquer momento pode ser descartada.

⁹ Sugerimos ao leitor buscar na internet sobre o experimento de conformidade de ASCH. Há vários vídeos na plataforma do youtube que documentaram de que maneira isto se deu.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que a discussão, sobretudo pela sua recente entrada nos meios acadêmicos e midiáticos – sobre a cultura do cancelamento – ainda está em fase argumentativa e de registro de hipóteses. É o momento, enquanto tudo acontece, de entendermos suas origens, seus mecanismos e suas ramificações. Coisa que há tempos estamos, enquanto grupo de pesquisa universitária, realizando. Este é o nosso terceiro artigo voltado apenas para esta problemática da cultura do cancelamento e suas ramificações (nesse caso aqui específico, a sua relação com o movimento de massas).

E a cada nova leitura, a cada nova escrita, a cada novo contato com materiais especializados, notamos que uma das facetas da cultura do cancelamento é justamente, por mais paradoxal que isto possa parecer, que ela é multifacetada. Ela se adequa a alguns sistemas, conversa com algumas linhas teóricas e práticas. E a aqui, o entendimento sobre a massa, possibilita que entendamos – principalmente – sobre o que está por trás de ataques organizados e orquestrados.

Notamos que com o intuito de *fazer o bem* há um movimento sádico em destruir aquilo que sequer tenho capacidade cognitiva para entender. Que se segue um jargão, uma *hashtag*, um bordão só para não destoar da *beautifulpeopled* mainstream. Mas que 99% daqueles que estão ali seguindo ordens, frases de efeito, pedindo para profissionais perderem seus empregos, seus patrocínios e serem completamente rechaçados pelas pessoas, não sabe nem como nem onde toda esta discussão se originou.

O grande problema que está por trás de tudo isso, todo esse jogo maquiavélico de controle de almas vazias, de cabeças secas é que estes sujeitos que a estes imperativos se submetem e seguem ordens como se gado fossem, não percebem que são peças inteiramente descartáveis e que não têm qualquer relevância para seus líderes ou seus colegas de cancelamento.

Mais ainda, não conseguem entender como funciona esse jogo do politicamente correto utópico que tenta se fazer presente, mas que é impossível de ser alcançado totalmente (simplesmente porque a perfeição é inexistente e ilusória, que só tende a ferir todos os envolvidos que a perseguem), é que hoje você é e atua como algoz, que manda e desmanda cancelando alguém e sadicamente divertindo-se com a degradação do outro; mas amanhã o cancelado é você e você vai entender que justamente por tratar-se de uma prática utópica é que absolutamente ninguém passará incólume a ela.

É nesse sentido que muitos que consideravam-se os detentores da moral, dos bons costumes, ficavam rogando para si todas as virtudes que acredita possuir quando está do alto do seu púlpito de cancelador, quando vão sentar no banquinho do réu, do atual cancelado, daquele que é execrado pelo público porque falou uma expressão que atualmente e para este pequeno grupo não poderia, ou porque não seguiu a massa em um posicionamento ou pensamento, é nesse momento que este mesmo tipinho que até então estava *pedindo a cabeça* de vários colegas, ele se sente a pessoas mais vitimizada do mundo, a mais injustiçada da terra, quase um herói de guerra.

Mas não! Ele, assim como toda a sua trupe de baderneiros estridentes, é apenas mais um hipócrita social (como bem apontaria Freud). Que não segue nem aquilo que fica *arrotando* para os outros. Que é o mais imoral dos sujeitos e que vende-se com um exímio moralista. Você, cara pálida, é só mais um nesse emaranhado de trevas.

Referências Bibliográficas

- [1]. FREUD, S. (1921). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- [2]. JERUSALINSKY, J. *A melancolização na infância contemporânea: entre o linchamento virtual e a política do “no touch”*. Cadernos de Psicanálise, Rio de Janeiro, v.34, n.1, 2018. Disponível em: http://spcrj.org.br/ojs/index.php/cad_psi_spcrj/article/view/29
- [3]. JÚNIOR, J. F. *Dossiê politicamente correto*. Revista USP • São Paulo • n. 115 • p. 51-66 • outubro/novembro/dezembro, 2017.
- [4]. LE BON, G. *Psychologie des foules*. Paris : JDH, 1895.
- [5]. PETERSON, J. *Politicamente Correto: os debates* Munk. São Paulo: É Realizações, 2020.
- [6]. TODOROV, T. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- [7]. VESCHI, J. *Ostracismo*. Rio de Janeiro: etimologias, 2020.